doi:10.20396/revpibic262018832

XXVI Congresso de Iniciação Científica Unicamp
17 a 19 de outubro Campinas | Brasil

Ecologização e Ação Coletiva: Passos da Transição Agroecológica no Assentamento Milton Santos

Letícia Alaniz Garcia*, Luciano Pereira.

Resumo

A agroecologia, caminho necessário para a agricultura dentro do cenário de desigualdades do campo, aparece na agenda dos movimentos, como o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, onde ocorre por meio da transição agroecológica, a qual é construída por dois processos: a ecologização e a ação coletiva, sendo que neste último, a comercialização é uma dificuldade no desenvolvimento dos assentamentos. A solução encontrada foi a comercialização por sistemas de venda que tem como base uma relação próxima entre consumidores e agricultores, como faz o Assentamento Milton Santos. A partir desta experiência, buscamos compreender quais passos os agricultores estão realizando na transição agroecológica, os quais mostraram-se limitados por questões estruturais, como acesso a água e escoamento da produção.

Palavras-chave:

Transição agroecológica, Ação Coletiva, Ecologização.

Introdução

A agroecologia apresenta-se como um caminho que pode contribuir para superação de problemas ambientais e sociais do campo, em especial a familiar que é responsável por 70% da comida consumida no Brasil.

Este debate aparece na agenda dos movimentos sociais, como o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e ocorre por meio da transição agroecológica, construída por dois processos: a ecologização (mudanças no manejo agrícola) e a ação coletiva (por parte dos agricultores).

A comercialização é uma dificuldade no desenvolvimento dos assentamentos rurais de ação coletiva, que buscam sistemas de venda que tem como base uma relação próxima entre consumidores e agricultores como solução. O Assentamento Milton Santos, localizado entre Cosmópolis e Americana/SP, vive esta experiência a partir da comercialização de cestas por meio de uma cooperativa, onde as trocas possibilitadas por ele repercutem na lógica de produção interna.

Desta forma, buscamos compreender quais passos os agricultores inclusos nesse processo estão realizando na transição agroecológica, por meio de entrevista semi-estruturada que permite criar um canal de diálogo para ouvir seus limites, suas motivações e práticas adotadas.

Resultados e Discussão

Ao realizar as entrevistas durante a reunião semanal, 7 assentados estavam presentes, destes 5 mulheres e 2 homens, todos disseram vir a reunião toda semana, motivados por questões financeiras e pela necessidade de escoamento da produção.

Os assentamentos próximos a centros urbanos costumam ter a característica de pluriatividade[1], diferente dos entrevistados da pesquisa, que tem a característica de desenvolver majoritariamente apenas atividades agrícolas (4 realizam atividades agrícolas, 2 para-agrícolas e 1 não-agrícolas).

O trabalho realizado individualmente ou por agricultores idosos é um possível limite para a transição, já que 6 entrevistados trabalham sozinhos ou com o companheiro e a média de idade é de 59 anos.

Quanto a prática agrícola, dois relataram o uso de sistemas agroflorestais, que estão improdutivos ou produzem frutas dependendo da época do ano, ocupando papel periférico na produção. As hortas são o principalmente meio de produção e dos 5, que relataram o uso, 3 disseram usar a coletiva devido a disponibilidade de água, pois não tem acesso a ela em seus lotes.

Esses limites apresentam caráter estrutural - situação que se repete em grupos majoritariamente femininos similares de assentamentos da região, o que mostra a negligência do Estado pela ausência de política consistente de reforma agrária e torna os sistemas de venda paliativos e uma alternativa de geração de renda exclusiva para mulheres.

Conclusões

Os passos na transição agroecológica estudada mostraram-se limitados pela forma de trabalho e principalmente por questões estruturais, tanto na ecologização quanto na ação coletiva. Essa situação mostra a ausência de política pública consistente de reforma agrária que traga ações pensadas para mulheres.

Agradecimentos

Agradecimento a Cooperflora que é dá sentido a este estudo e ao PIBIC/CNPq pela possibilidade do mesmo.

---

[1] DE GASPARI, Luciane Cristina. **Pluriatividade em assentamentos próximos a grandes centros urbanos: o lugar da agricultura nas estratégias familiares**. 2016. 190 f. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Piracicaba, 2016.

(cc) BY-NC-ND